

ALGUMAS NOTAS EM TORNO D'O CRIME DO PADRE AMARO E D'O PRIMO BASÍLIO, DE EÇA DE QUEIRÓS

João Décio

Depois de superar a fase romântica e dos escritos esparsos que iriam formar as *Prosas Bárbaras* e de escrever em parceria com Ramalho Ortigão, *O Mistério da Estrada de Sintra*, Eça de Queirós inicia, propriamente, em 1875, com o lançamento da versão definitiva d'*O Crime do Padre Amaro*, a sua melhor fase como romancista e que culminaria com *Os Maias*. Em 1877, Eça lança o seu segundo romance, *O Primo Basílio*.

Os dois citados romances situam-se bem dentro da linha realista: romance de crítica social, de demonstração da existência de chagas morais na sociedade portuguesa. Romances com preocupação evidente de tese, com visível influência da teoria de Taine, do evolucionismo de Darwin e o pessimismo de Schopenhauer; romances, enfim, firmemente colocados no processo de renovação social e humana de Portugal.

O Crime do Padre Amaro constitui o primeiro romance realista de Portugal e relata a vida do pároco Amaro na provinciana cidade de Leiria. Fruto de uma educação errada, desde os verdes anos, Amaro, por indolência e por costume, acaba cursando o seminário e se fazendo padre. Transportado para Leiria, onde campeia a ignorância e especialmente a beatice religiosa e por influência da vida dissipada do Cônego Dias, vem a conhecer Amélia e por ela se apaixona. O problema moral que se cria, com Amaro tornando-se amante de Amélia, explica-se por razões de dupla ordem: as individuais, quer dizer, aquelas de Amaro e de Amélia. As do primeiro, a falta de vocação, a sensualidade e a educação viciosa; as da última, a ignorância, a beatice. Em ambos, ainda pesou inesoravelmente, o meio ambiente, quer dizer o espaço mais a atmosfera. Uma passagem do romance dentre tantas, esclarece bem, no tocante ao padre:

Amaro era, como diziam os criados, um “mosquinha morta”. Nunca brincava, nunca pulava ao sol. Se à tarde acompanhava a senhora marquesa às alamedas da quinta, quando ela descia pelo braço do padre Liset ou do respeitoso procurador Freitas, ia a seu lado, mono, muito encolhido, torcendo com as mãos úmidas o forro das algibeiras — vagamente, assustado com as espessuras de arvoredos e vigor das relvas altas.

Tornou-se muito medroso. Dormia com lamparina ao pé de uma ama velha. As criadas de resto feminizavam-no; achavam-no bonito, faziam-lhe cócegas, e ele rolava por entre as saias, em contato com os corpos, com gritinhos de contentamento. (p. 23).

O texto é ilustrativo de vários aspectos do caráter de Amaro: sua sensualidade, seu medo e sua indolência, aspectos que vão explicar suas ações, geralmente negativas, no meio beato de Leiria. Amaro é visto através de duas perspectivas distintas mas que se sintetizam no romance: a perspectiva psicológica, íntima e a perspectiva social. Na primeira, situa-se o drama íntimo de Amaro, que sofria terrivelmente com o fato de, sendo padre, não poder casar-se com Amélia. Contudo, o medo e a fraqueza vão pesar decididamente nas idéias de Amaro, que vai chegar ao auge de levar seu filho à tecedora de anjos, provocando-lhe a morte. Do mesmo modo, Amaro não mostra nenhum remorso, nem o mínimo problema de consciência, quando Amélia vem a falecer.

Do lado de Amélia, o seu encanto amoroso com Amaro só se explica pela extrema beatice religiosa, que a leva a ver no padre o símbolo de Deus na terra e que por isso mesmo acredita que seu amor era abençoado. Amélia era uma beata, isto porque aceitava piamente as exigências da igreja, especialmente naquilo que era aparência, mesmo porque, e ignorante, não tinha capacidade para refletir e chegar à compreensão da essência da religião. Deixa-se cair fatalmente, cedendo às instâncias amorosas do padre. Além dessas componentes de ordem individual, outras de ordem extra-individual, de sentido ambiental se faziam pesar. Amaro vivia na mesma casa de Amélia. O cônego Dias era amasiado com a senhora Joaneira, mãe de Amélia. Esta atmosfera e este ambiente corrupto, aliados à educação moral defeituosa que tivera Amaro, explicam claramente o deslize moral em que Amaro e Amélia vêm cair.

Além disso, na sociedade de Leiria mandava o clero e por isso mesmo acobertava-se tudo o que os seus representantes faziam de errado. Assim, a influência do meio, do momento,

e das circunstâncias dificultava enormemente e mesmo impedia a vitória dos bem intencionados. Estamos pensando na personagem João Eduardo, namorado de Amélia, que tentou investir contra a corrupção em Leiria e acabou sendo levado de vencidas pelo clero, ou melhor, por dois de seus representantes. Aqui cabe uma observação: Eça não generaliza a corrupção para todo o clero português, apenas estuda com mais atenção um caso desastroso de falta de vocação religiosa, o caso de Amaro e que também era o caso do cônego Dias, amante da S. Joaneira. Assim, a permanência e o domínio de dois padres não vocacionados e da beatice de Amélia, S. Joaneira e outras explicam o ambiente de corrupção moral da cidadezinha de Leiria. Massud Moisés, em a *Literatura Portuguesa*, afirma com muita propriedade:

“O *Crime do Padre Amaro* passa-se em Leiria, uma pequena vila de província, beata e soturna, onde um padre corrupto seduz e leva à morte a infeliz e ingênua Amélia, sob a proteção do confessor e da superstição: aqui a análise impiedosa do clero revela-o deteriorado como, aliás, estava toda a estreita sociedade provinciana, porque erguida sobre falsos preconceitos e uma moral de ocasião (p. 283, quarta edição).

Variando um pouco o nosso trabalho e tornando-o ainda mais prático e ilustrativo, vejamos em breve análise do texto de Eça, a problemática em torno de Amaro.

A idéia primeira que surge e que merece comentário é a que se refere ao lugar de nascimento de Amaro. Nasceria em cidade grande, Lisboa, importante para o seu processo educacional pois vai viver em contacto com as criadas o que lhe vai desenvolver precocemente a extrema sensualidade. Mais adiante, Eça fala da descendência de Amaro, o pai criado de marquês e a mãe criada de quarto. Amaro é de ascendência humilde, o que de certo modo o levou a buscar, através do seminário, a ascensão social do padre. A descrição física e fisiológica, dos pais, particularmente da mãe (sensualista) é importante de se notar, porque é um aspecto que vai ser transmitido ao filho. Nas linhas adiante, Eça já fala da morte do pai e da mãe de Amaro, portanto sintetiza as coisas e os fatos referentes aos pais (tísica a mãe, apoplexia do pai), assinala os elementos de ordem científica e patológica do escritor realista.

Mais adiante afirma-se que Amaro era estimado pela marquesa que o conserva em casa. É importante este dado,

porque se nota aqui que Amaro vai viver num ambiente de largueza, em contacto com grande número de criadas e desenvolver muito cedo sua sensualidade. No parágrafo seguinte, Eça se detém em considerações com relação à marquesa de Alegros e assinala especialmente sua indolência, sua preocupação constante com a igreja e mesmo sua beatice. Falando das filhas, o narrador lembra que:

“As suas filhas, educadas no receio do céu e nas preocupações da moda eram beatas e faziam o chique falando com igual fervor da humildade cristã e do último rigurino de Bruxelas.”

No parágrafo seguinte, descrevem-se as atividades das mesmas: suas costuras com vistas à religião e a caridade. Assinalam-se ainda as leituras doces e beatas e as visitas que recebiam dos padres. É preciso meditar profundamente nesta ambientação em que vai viver Amaro: ambiente de beatice em que o menino vai desenvolver o gosto e o interesse por ser padre: não era vocação, era desejo de ter a vida fácil e o constante contacto com mulheres, o que ocorria com os padres que via na casa com a marquesa de Alegros.

No parágrafo seguinte anuncia-se claramente a intenção da marquesa de encaminhar Amaro para a vida eclesiástica e tenta explicar a possibilidade da idéia, tendo em vista que o menino era magro e amarelo e que era afeiçoado às coisas da capela e vivia pegado às saias das mulheres. Nota-se o grau de ignorância da marquesa: acreditar que estes fatos explicavam a ida do menino para o seminário. E também a beatice religiosa por achar natural o contacto do menino (e obviamente os padres) com as mulheres. Via tão-somente o exterior e na verdade a parte negativa da missão do padre. A marquesa não achava imoral que o menino estivesse agarrado às saias das mulheres e achava que era moral o fato de o menino ir estudar num colégio de meninos, por causa das camaradagens imorais. Pode-se ver o conceito da marquesa baseado evidentemente na ignorância.

Mais adiante, Eça detém-se demoradamente na figura de Amaro, do seu comportamento, da ausência de exercícios ao sol, dos seus costumes e hábitos. Em seguida analisa a consequência e a causa de seu retraimento e de sua timidez. É nesta altura que se assinala claramente o desenvolvimento da sensualidade do menino, no contacto com as criadas. Tornou-se o menino de recados, o enredador e com isso tornou-se

mentiroso. O ambiente, portanto, influencia negativamente na formação do caráter do menino, agravado com sua fraqueza física e psicológica.

O Primo Basílio, o segundo romance realista de Eça dentro de certa ortodoxia realista, especialmente pela intenção de tese em torno de um problema social, vem consagrar seu autor e ampliar o êxito, comparando-o com *O Crime do Padre Amaro*. Eça volta-se agora para a análise do problema moral do adultério (em contraposição aos temas sentimentais do romance romântico, o romance realista centra-se num tema moral), centrando-os em Luísa. Esta, educada num colégio de freiras, onde se acostumou logo com a leitura de romances românticos (à Walter Scott) principalmente e também sofrendo uma educação defeituosa da parte da mãe, casa-se “meio no ar” com Jorge, engenheiro de minas. Sua vida preenchida com os ócios que proporciona a sua posição econômica e social burguesa, são preenchidas com serões, visitas de amigos, como Leopoldina, o conselheiro Acácio, o Sebastião, Julião e outros. Especialmente, a primeira personagem, Leopoldina, mulher desfibrada moralmente, trocando de amantes como quem troca de roupa, influi, diretamente na cabecinha oca de Luísa. Coincidentemente com a viagem de Jorge para o Alentejo, observa-se a vinda de Basílio, depois da andança pelo Brasil e pela Europa. Basílio havia sido o primeiro namorado de Luísa, nos seus tempos de adolescentes e haviam se estimado realmente. Do encontro entre os dois na casa de Luísa resulta o adultério, que apresenta causas também de duas ordens: uma de sentido individual em Luísa: fraca de vontade, romanesca, burguesa de cabeça oca e vida ociosa; outra de amplitude social: a educação romântica e a influência da mãe, e diretamente a influência da amiga Leopoldina. Como consequência do ato adúltero ocorre o medo e posteriormente a morte para Luísa enquanto Basílio continua a viver sua vida de cínico, lamentando, depois da morte de Luísa, não ter trazido consigo a Alfonsine, uma francesa. Basílio termina no romance da mesma forma que ocorre com o Padre Amaro, no romance abordado anteriormente.

A análise do caso amoroso de adultério n’*O Primo Basílio*, permite a Eça apresentar alguns tipos sociais de enorme interesse: o Conselheiro Acácio, o tipo social mais completo de Eça aparece como sendo o homem formalista, cheio de frases feitas, de uma linguagem toda especial e característica; Juliana, personagem de profundidade psicológica, Sebastião e ou-

tros. Juliana é o tipo de personagem bem criada por Eça e constitui-se na empregada que odeia a patroa Luísa e espera o momento para crucificá-la. Apossa-se de umas tantas cartas de Luísa que assinalam sua ligação com Basílio e acaba levando-a à morte.

Como criação de uma pessoa pisada pela vida, e por isso mesmo invejosa da patroa, pode-se perceber a profundidade com que Eça a pintou. Completam a galeria o Sebastião, amigo de Luísa e Jorge e que procura salvar a honra de Luísa, conseguindo as cartas de Juliana. Jorge, o marido é mais uma figura decorativa e sem maior consistência psicológica, serve apenas de marido traído e bondoso que acaba por perder a esposa.

Em síntese, *O Primo Basílio* é um romance bem construído, com uma linha principal bem definida (a ligação entre Luísa e Basílio), não obstante o desvio violento quando na análise da personagem Juliana, pois através de uma personagem secundária, Eça chega a violentar a estrutura do romance. No mais, a criação de alguns bem traçados tipos sociais como Acácio, Sebastião e outros. O trecho que agora vamos comentar mostra aspectos da educação, dos hábitos e dos gestos comuns e permanentes em Luísa. Note-se que mesmo as árvores e as relvas impressionavam o medroso menino:

“ à tarde altas.”

O parágrafo seguinte é todo ele dedicado ao estudo dos costumes de Amaro, que vão explicar algumas falhas de seu caráter.

Mais adiante, temos uma narração das ações de Amaro no que refere aos seus interesses religiosos, com os quais o menino mescla sua sensualidade:

“Aos onze anos . . . mártires.”

No último parágrafo assinala-se novamente o complexo físico e psicológico de Amaro, bem como sua fraqueza física:

“Era preguiçoso . . . padrega.”

O texto em tela é ilustrativo, porque aponta as condições e situações ambientais em que foi criado Amaro e os seus costumes e hábitos bem como sua compleição física.

Passemos agora ao comentário de um trecho d'*O Primo Basílio*:

“Luísa espreguiçou-se. Que seca ter de se vestir! Desejaria estar numa banheira de mármore cor-de-rosa, em água tépida, perfumada, e adormecer! Ou numa rede de seda, com as janelas cerradas, embalar-se ouvindo música! Sacudiu a chinelinha: esteve a olhar muito amorosamente o seu pé pequeno, branco como leite, com veias azuis, pensando numa infinidade de coisinhas: em meias de seda que queria comprar, no farnel que faria a Jorge para a jornada, três guardanapos que a empregada perdera...

Tornou a espreguiçar-se. E saltando na ponta do pé descalço, foi buscar ao aparador por detrás duma compota um livro um pouco enxovalhado, veio estender-se na “voltaire”, quase deitada, e, com o gesto acariciador e amoroso dos dedos sobre a orelha, começou a ler, toda interessada.

Era a *Dama das Camélias*. Lia muitos romances, tinha uma assinatura na Baixa, ao mês. Em solteira, aos 18 anos, entusiasmara-se por Walter Scott e pela Escócia; desejava então viver num daqueles castelos escoceses, que têm sobre as ogivas os barões, digo brasões da clã, mobiliados com arcas góticas e troféus de armas forradas de largas tapeçarias, onde estão bordadas legendas heróicas, que o vento do lago agita e faz viver; e amara Ervândalo, Morton e Ivanhoe, ternos e graves, tendo sobre o gorro a pena de água, presa ao lado pelo cardo de Escócia, de esmeraldas e diamantes. Mas agora o moderno é que a cativava, Paris, as suas mobílias as suas sentimentalidades. Ria-se dos trovadores, exaltava-se por Mr. de Camors; e os outros heróis. Havia uma semana que se interessava por Margarida Gautier: o seu amor infeliz dava-lhe uma melancolia enevoada; via-a alta e magra, com o seu longo xale de caxemira, os olhos negros cheios da avidez da paixão e dos ardores da tísica; nos nomes mesmo do livro Júlio Duprat, Armando, Prudência, achava o sabor poético duma vida intensamente amorosa; e todo aquele destino se agitava, como numa música triste, com ceias, noites delirantes, aflições de dinheiro, e dias de melancolia no fundo dum cupê, quando nas avenidas do “Bois”, sob um céu pardo e elegante, silenciosamente caem as primeiras neves.”

O trecho é ilustrativo de alguns aspectos da vida de Luísa: a calma, a ociosidade e a futilidade de sua vida, seus costumes e seu espírito sonhador e “reveur”.

Nas primeiras linhas, Eça traça as pequenas chateações da preguiçosa e indolente Luísa. Mais adiante, na referência ao desejo de estar numa banheira de mármore de água tépida e perfumada, mas demoradamente, mostra a inexistência de preocupações urgentes na sua vida. Linhas adiante assinala-se claramente o espírito imaginativo e sonhador de Luísa. Opera-se em seguida, uma lenta e minuciosa descrição dos gestos de Luísa, que merece dois reparos: a assinalação da calma, do sossêgo da vida burguesa de Luísa (pode estar prestando grande atenção a seu pé branco, enquanto pensa numa porção

de coisas). A despreocupação, a vida calma e burguesa volta a aparecer, com a repetição da expressão: “tornou a espreguiçar-se”. E depois disto, não vai fazer nada de mais útil, antes, vai buscar um livro enxovalhado (o detalhe é útil: o livro está enxovalhado, possivelmente pelo grande número de vezes que foi folheado pela jovem). Luísa vai deitar-se calmamente na “voltaire”, o que confirma em nós a impressão de ser uma mulher ociosa. Começa a ler muito interessado o romance, cujo nome nos é revelado depois: *Dama das Camélias*, obra do pior e mais chorão espírito romântico, o que assinala a preferência defeituosa nas leituras de Luísa. Aliás, a educação românticamente falsa de Luísa será a causa maior de sua desgraça. Em continuação, Eça observa que Luísa lia muitos romances e que aos 18 anos havia se apaixonado por Walter Scott e pela Escócia, autor aquele dos romances históricos românticos e o país, berço do romantismo. Volta a aparecer o espírito fantasista e sonhador de Luísa: “desejara então... diamantes.” O trecho revive toda uma época de costumes e heróis românticos.

A idéia seguinte prende-se ao fato das preferências de Luísa assinalada em torno dos bons materiais: (a exagerada preocupação com as mobílias de Paris). Novamente, a sua exaltação fantasista fá-la sonhar, ela que era burguesamente casada com um homem ideal. As palavras seguintes nos mostram que não só Luísa era romântica e sonhadora como exagerada: chegava a se rever, a se colocar no lugar das heroínas românticas, sentindo o que a personagem Margarida Gautier sentia: “havia uma semana... enevoada. Chega a lembrar dos detalhes físicos de Margarida, tal a impressão que a leitura lhe provocara: “via-a alta... tísica... E passava a imaginar as personagens, suas vidas, seus destinos.”

O texto é ilustrativo de comportamento burguês, ocioso e inútil de Luísa, de sua mente imaginativa e sonhadora, de suas leituras românticas aspectos importantes que têm caráter decisivo no drama moral que a vai atingir, o adultério que a vai levar à destruição física, à morte.

Nos dois excertos que analisamos, *O Crime do Padre Amaro* e *O Primo Basílio*, por serem dois romances de crítica a aspectos deteriorados da sociedade, por assinalar dois importantes problemas morais merecem o cuidado e a reflexão de todos quanto se interessam pela Literatura Portuguesa, em particular a do Realismo.